

ACERCA DE LA INSCRIPCIÓN DE LA DIFERENCIA EN EL APARATO PSÍQUICO: ¿ES SÓLO Y NECESARIAMENTE LA DIFERENCIA SEXUAL ANATÓMICA EL ELEMENTO ORDENADOR?

SOBRE A INSCRIÇÃO DA DIFERENÇA NO
APARELHO PSÍQUICO: SERÁ APENAS E
NECESSARIAMENTE A DIFERENÇA SEXUAL
ANATÓMICA O ELEMENTO ORDENADOR?

ABOUT THE INSCRIPTION OF DIFFERENCE
IN THE PSYCHIC APPARATUS: IS ONLY
AND NECESSARILY THE ANATOMICAL
SEXUAL DIFFERENCE THE ORDERING
ELEMENT?

Rodrigo Civetta
Asociación Argentina de Psiquiatría
y Psicología de la Infancia y la Adolescencia
ORCID: 0009-0004-1004-6309
Correo electrónico: rodrigocivetta90@gmail.com

Fecha de recepción: 27-09-2024
Fecha de aceptación: 08-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Civetta R. (2024) ACERCA DE LA INSCRIPCIÓN DE LA DIFERENCIA EN EL APARATO PSÍQUICO:
¿ES SÓLO Y NECESARIAMENTE LA DIFERENCIA SEXUAL ANATÓMICA EL ELEMENTO ORDENADOR?

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.7

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

SOBRE A INSCRIÇÃO DA DIFERENÇA NO APARELHO PSÍQUICO: SERÁ APENAS E NECESSARIAMENTE A DIFERENÇA SEXUAL ANATÔMICA O ELEMENTO ORDENADOR?

Rodrigo Civetta¹

¹Psicólogo (Universidade Nacional de Rosario). Psicanalista. Pós-graduação em Clínica Psicanalítica da Infância e Adolescência (ASAPPIA). Pós-graduação em curso de Atualização em Psicanálise e Gênero (Universidade John F. Kennedy). Menção Honrosa no Concurso Dr. Jorge Rosa no XII Congresso FLAPPSIP com o trabalho "Desbordamentos e Neogênese: o dispositivo psicanalítico interpelado". Ex-membro da Subcomissão de Gênero e Diversidade Sexual do Conselho de Psicólogos de Neuquén Distrito I e da Rede de Psicólogxs Feministas Regional Neuquén. Prática clínica no campo de patologias graves com Infâncias e Adolescências desde 2017 e nas questões de Gênero e Diversidade Sexual desde 2019. Escreve artigos e ensaios científicos desde 2023.

Revisões necessárias em relação às conceitualizações psicanalíticas clássicas da inscrição da diferença no aparelho psíquico

A escolha do presente tema de pesquisa decorre da possibilidade de responder a perguntas que me acompanham desde a graduação: é possível pensar a constituição do aparelho psíquico e, portanto, a sexualização (Lacan, 1973) em termos não heteronormativos? Que outras propostas existem, além das conceitualizações clássicas de Freud e Lacan? Que lugar é possível para a diversidade sexual no campo da psicanálise sem cair na maquiagem da teoria clássica?

Desde minhas primeiras aproximações com Freud e Lacan na graduação, tanto nas leituras quanto nos conteúdos ministrados pelos professores, sempre achei incômoda (e às vezes violenta) a normatividade dos enunciados e conceitos desenvolvidos, embora mais tarde tenha conseguido identificar o porquê. Esses discursos estavam inseridos em uma matriz heteronormativa, em um dispositivo de heterossexualidade compulsória (Reitter, 2019), que deixava tudo o que não se tornasse/não fosse heterossexual do lado do não normal. No curso de Psicologia da Universidade Nacional de Rosario, a disciplina Estrutura Psicológica Individual do Sujeito III colocava a "homossexualidade" na unidade Perversão e o "travestismo" na unidade Psicose. Com essa base explícita, meu encontro com esses tipos de posições violentas e patologizantes da diversidade sexual e, portanto, geradoras de maior sofrimento psíquico, impulsionaram-me a algumas das questões colocadas.

Embora encontre na psicanálise uma proposta emancipadora, com grande poder explicativo e crítico e com efeitos concretos na prática clínica, também considero que é necessário colocar a teoria para trabalhar em relação a seus fundamentos, localizando o lastro que a enviesa, deixando-nos questionar pelo tempo em que vivemos e, fundamentalmente, pelas subjetividades a partir das quais trabalhamos: os pacientes e nossas próprias subjetividades. Seguindo Silvia Bleichmar (2006):

Se a assunção de uma herança implica trabalhar para merecê-la, não é tarefa pequenaseparar dela o que é inútil, o que atua como obstáculo ao seu pleno desdobramento, sabendo que aqueles que nos legaram tentaram nos dar o melhor, mas não puderam deixar de conceber o melhor em termos dos tempos em que viveram e da história que os marcou. Na necessária combinação de filiação - que sempre se estabelece com base no amor - e capacidade crítica - que não implica destruição, mas desconstrução - reside o futuro de toda herança (p. 11).

Assim, uma das perguntas selecionadas que fundamentam o presente trabalho é sobre inscrição psíquica da diferença. Os diferentes momentos da constituição do aparelho psíquico serão considerados para seu desenvolvimento. O objetivo é poder reelaborar a questão da diferença sexual anatômica e sua articulação com a castração, proposta tanto por Freud quanto por Lacan, como um articulador psíquico privilegiado, com seus destinos normais e patológicos (onde também entram as identidades e orientações dissidentes).

O espírito do tema escolhido gira em torno de uma possível decapitação de uma teoria heteronormativa, endogenética, teleológica e evolutiva da sexualidade, que possibilita a

construção de pontes entre uma lógica da diferença e uma lógica da diversidade (Laplanche, 1988).

Para isso, partirei do modelo proposto por Silvia Bleichmar sobre a constituição do aparelho psíquico. Apontarei os diferentes momentos, localizando como a inscrição da diferença passa por recomposições, remontagens e ressignificações de acordo com os diferentes tempos da vida psíquica. Também tomaremos sua proposta de separar a diferença sexual anatômica da inscrição da falta ontológica, como forma de desimaginar, de poder dar outro canal às tensões entre narcisismo e castração, juntamente com contribuições de outros autores que possibilitam uma abertura teórica.

Com base nessas contribuições, as questões que sintetizam e propõem novas linhas de fuga para o pensamento serão refletidas na conclusão. Uma rota pela diferença ou a diferença como uma rota

Seguindo a proposta metapsicológica da Silvia Bleichmar, começaremos a pensar o cachorro humano e sua humanização a partir de uma lógica exogenista, na medida em que ela entende o inconsciente como um produto da cultura, fundado exogenamente, sustentado pelo semelhante, que parasita o cachorro, em seu duplo aspecto sexualizante e narcisizante.

Bleichmar propõe pensar a constituição psíquica como uma sucessão de tempos reais. Não como uma sucessão de tempos míticos ou como o resultado de um processo endógeno ligado à biologia ou à herança filogenética, mas de tempos que podem ser identificados com base em certos observáveis na clínica, sempre por *après-coup*.

A partir desse paradigma, o fato de um filhote de cachorro humano se tornar um sujeito psíquico não é forçado, mas contingente. Em outras palavras, existe a possibilidade de um ser humano não se tornar um sujeito psíquico. Também pode acontecer que o sujeito no processo de estruturação encontre sérias dificuldades para fazê-lo. Isso se tornaria palpável na psicologia. Isso se tornaria palpável na psicopatologia, ou seja, nos modos de expressão e manifestação do sofrimento psíquico, sejam eles distúrbios, sintomas ou déficits na constituição da psique.

Outra contribuição relevante para os propósitos deste artigo é conceituar e nomear como “funções humanizadoras” (Blestcher, 2021) - em vez das categorias lacanianas normativas de função paterna e materna - as maneiras pelas quais o par permite a constituição do sujeito psíquico por meio da criação. Isso permite, a meu ver, deixar para trás a captura heteronormativa que coagula o exercício das funções de sexualização, subjetivação e pautaçaõ a determinados papéis de gênero, para colocá-lo em um campo aberto, não forçado, dando origem justamente a uma lógica da diversidade. É então com base nessas funções humanizadoras que se geram as condições para que a vida anímica do filhote humano possa se instalar.

Silvia Bleichmar (2001) propõe diferentes momentos constitutivos caracterizados por operações fundamentais específicas. Com base em seus desenvolvimentos, o seguinte poderia ser proposto esquematicamente:

Primeiro tempo da vida: elementos biológicos e adaptativos. Fetalização. Segundo tempo da vida/primeiro tempo da vida psíquica: implantação e autoerotismo.

Segundo tempo da vida psíquica: recalçamento original, narcisismo primário, identificação primária. Clivagem psíquica: fundação do inconsciente no sentido estrito, constituição do Ego, instalação do pré-consciente.

Terceiro tempo da vida psíquica: instalação do superego e das instâncias ideais, a partir do cruzamento do complexo de Édipo e do complexo de Castração. Narcisismo secundário, identificações secundárias.

Partimos então da “possibilidade de pensar um primeiro tempo da vida que não coincida com o primeiro tempo da sexualidade” (p. 135). Esse primeiro tempo seria caracterizado pela fetalização, por um filhote humano com suas características adaptativas e biológicas.

Essa fetalização é a porta de entrada para o semelhante, em suas funções humanizadoras, que poderiam fazer desse filhote um sujeito psíquico. O substrato orgânico é uma condição necessária, mas não suficiente, para a constituição do psiquismo. Já que, seguindo Bleichmar (2001), a vida psíquica começa com a possibilidade de inscrição da sexualidade, do pulsional-representacional.

A partir da busca adaptativa pela satisfação das necessidades, o filhote encontra um outro sexuado, ou melhor, a sexualidade do adulto, que o parasitará: implantará, por meio de seus cuidados, a pulsão sexual, dando lugar ao segundo tempo da vida ou ao primeiro tempo da vida psíquica propriamente dita.

Esse primeiro tempo da vida psíquica seria então inaugurado pela introdução de alguma ordem do não-evacuável no plano representacional, no plano da excitação. Isso quer dizer que as excitações introduzidas pelo outro adulto (embora ignoradas por ele, já que seriam atravessadas pela repressão) não podem ser reduzidas a zero pelo modo da autopreservação, elas têm de encontrar um destino. Esse plus de excitação, como um traumatismo original e necessário, deve encontrar formas de descarga ou ligação.

O fato de haver uma energia somática que se torna energia psíquica - em princípio sexual - é o efeito da intervenção de um interruptor que não existe no organismo como tal, mas no encontro com o objeto sexual oferecido pelo outro. O interruptor está no movimento que leva o bebê, na busca por nutrição, a encontrar o seio - o objeto sexual da iniciação, na medida em que é oferecido pelo outro humano inconsciente. É esse objeto, em princípio, que inunda o real vivo com energia inqualificável, causando traumatismo no sentido amplo do termo, uma vez que ele apaga algo da ordem somática ao longo das linhas do sexual (Bleichmar, 1993, p. 37).

Poderíamos pensar, então, que essa efração, esse traumatismo, inaugura uma diferença entre a vida adaptativa e a vida representacional, entre o objeto da necessidade e o objeto da pulsão, o que provoca um curto-circuito nos pilares biológicos, inundando a psique com cargas que devem encontrar uma resolução da tensão, mas não pela via somática, e sim pela representacional sustentada pela ajuda de outros, no cuidado do semelhante. Pois, embora seja o par que implanta a pulsão, é também ele que inaugurarás as vias colaterais que se oferecerão como destinos para a pulsão, para que ela possa ser descarregada. É uma função dupla: sexualizar e narcisizar.

Temos então, nesse primeiro tempo, uma vida psíquica caracterizada pelo autoerotismo. As excitações serão resolvidas em seu próprio corpo, por meio da descarga direta dos impulsos. A sucção da mão, da chupeta, por exemplo, cumpre uma função de ligação do resquício de excitação, para que não se transforme em desprazer.

Do lado do filhote, portanto, há defesas precoces que explicam uma diferença: uma diferença entre o agradável e o desagradável, regida pelo processo primário, sendo o prazeroso entendido como a descarga do impulso e o desprazeroso como um aumento da tensão, excitação que não encontra formas de resolução. Assim, o filhote humano, com uma psique incipiente, parasitado pela sexualidade do adulto que implanta a pulsão, diferencia ativamente esses fenômenos que experimenta, começando pelas primeiras inscrições do objeto de origem.

Sujeito e objeto, os modos de prazer e desprazer, bem como os registros elementares de presença e ausência, são, então, os primeiros aspectos de diferença no aparelho psíquico, que se tornará gradualmente mais complexo, passará por transcrições, recomposições e ressignificações. Há também diferenças em relação ao objeto, baseadas em sensações corporais: sensações de borda, de ritmos, tons de voz do outro, a erogeneidade da pele e zonas erógenas. Essas diferenças de excitação podem se tornar intrusivas ou vinculativas, dependendo das vias colaterais que o adulto favorece e instala e das capacidades incipientes de vinculação do filhote, à medida que ele metaboliza e recompõe o que lhe chega do outro.

Seguindo em frente, nos encontramos no segundo tempo da vida psíquica, caracterizado pela constituição da recalcação original e pelo estabelecimento da representação narcísica do eu, que enterra os representantes do autoerotismo no inconsciente, fundando-o assim.

A recalcação original, cuja força terá sua origem nas repressões estabelecidas pelo adulto, enterrará os representantes da pulsão autoerótica, dando origem ao inconsciente em sentido estrito, a uma primeira clivagem tópica. Nesse movimento de clivagem, o processo secundário se instalará, na medida em que temos o pré-consciente como instância, que tem suas próprias legalidades e conteúdos, sede da lógica (da temporalidade e da espacialidade, da negação e do terceiro excluído) e o Ego como lugar dos investimentos narcísicos, sede do sujeito e da significação.

Agora, de acordo com Bleichmar (1993):

o famoso “ato único” que propicia a passagem do autoerotismo ao narcisismo só pode ser concebido como um momento de salto estrutural cujos pré-requisitos já estão em operação desde os primeiros cuidados que a mãe dispensa, desde os vínculos que ela propicia a partir da própria ruptura que sua sexualidade estabelece (p. 46).

Embora, como contribuição, pudéssemos trocar “mãe” por “semelhante”, degenerando-o, o que é relevante é que esses saltos estruturais não são sem gênese, mas que cada momento psíquico encontra seus materiais (ou não) naquele que o precede.

Nesse momento, por meio da identificação primária com a proposta de identificação do adulto, há uma assunção totalizante do self e também do gênero - que pode ou não ser proposta do outro e da cultura -.

Se o adulto exerce uma apropriação ontológica, se ele lhe diz o que e quem ele é, em princípio é inquestionável que nesse exercício a determinação masculino/feminino é central e é regida por uma certa proposta de concordância socialmente estabelecida entre o sexo biológico e a identidade proposta (Bleichmar, 2006, p. 99).

Essa suposição do conjunto representacional como próprio é anterior à diferença sexual anatômica. Laplanche (1988), seguindo Freud, afirma que há uma diferença de gênero “pré-castratória”: “[...] antes do problema da castração, admite-se uma distinção entre masculino e feminino, e que a criança é colocada nessa distinção, do lado dos meninos ou do lado das meninas” (p. 43). Além da proposta clássica, aponta-se que há na criança uma distinção de gêneros nesse momento que antecede a diferença anatômica. Quando a inscrição desta última se concretizar, a assunção do gênero como identidade, patrimônio do ego, será recomposta e resignificada. Laplanche continua com relação ao registro pré-castratório da diferença de gênero: “Ela está presente, mas como uma espécie de oposição natural ou social (com o mesmo caráter de muitas outras oposições e muitas outras diferenças, por exemplo, entre seres vivos e seres inanimados, ou também entre animais e seres humanos)” (p. 56). Assim, o que o autor propõe é que a diferença em relação ao gênero percebida pela criança é uma entre outras, e não teria necessariamente um caráter preponderante, pelo menos nesse momento.

Com o exposto, podemos propor que o registro da diferença, no que diz respeito ao primeiro período da vida psíquica, está se tornando mais complexo. O outro agora aparece como um objeto antropomorfizado de amor, pois o Ego foi constituído, é possível discriminar entre outros significativos e outros desconhecidos, os destinos da pulsão se tornam mais complexos: desordem em direção ao oposto (tornando o passivo ativo; transmutação do amor em ódio) e um retorno ao self.

Como existe um "eu" como sede da representação, como entidade totalizadora, podemos situar uma diferença fundamental entre o que é patrimônio do "eu" e o que não é (eu/não-eu), entre dentro/fora do corpo (interno-externo) e presença/ausência em termos simbólicos, na medida em que a possibilidade de representação da ausência implica a lógica do pré-consciente.

A diferença entre presença/ausência do outro significativo está ligada, nesse ponto, não apenas ao risco de o psiquismo ficar com grandes demandas para a resolução de tensões, mas também ao fato de que o outro significativo representa a força contra-investigativa da repressão original. A ausência do outro significativo implica para o ego incipiente a possibilidade de ficar indefeso diante do ataque das pulsões - de dentro -, que podem ser projetadas para fora como medos, as primeiras fobias. O terceiro tempo da constituição da psique é caracterizado, entre outras operações psíquicas fundadoras, pelo complexo de Édipo, entendido não como a imaginação do romance familiar burguês do século XX, mas como um momento estrutural em que os vínculos primários são rearticulados, como um efeito de recomposição dos vínculos como objetos primários (Bleichmar, 2014). O erotismo e o amor são articulados pela primeira vez. Na medida em que esse desejo amoroso por objetos primários é proibido pela cultura, outros objetos exogâmicos devem ser buscados para sua satisfação. Essa proibição coloca em ação a lei moral, que é herdeira das diretrizes do momento anterior. A repressão dos conteúdos edípicos por meio da repressão secundária através da conformidade com as normas culturais e a identificação com os objetos primários através da identificação secundária levam à instalação do Eu Superior como uma instância psíquica. De acordo com Bleichmar (2014): "[...] é a partir do modo como a sociedade define as formas de organização das normas e suas legalidades que se definirá, secundariamente, o que é reprimível e o que não é reprimível" (p. 14). E ele acrescenta mais adiante:

Não é que antes do estabelecimento do superego não existam normas, mas que essas normas não são definidas pela culpa, mas pela vergonha ou pelo pudor, pelo nojo ou pelo medo da perda do amor do outro. Não são definidas, como no complexo de Édipo, as maneiras pelas quais a lei moral opera, e acho que esse é o ponto central: é o fato de que o sujeito se sente, de alguma forma, responsável por sua ação perante um terceiro (p. 141).

Assim, a lei moral ressignifica e recompõe os modos de vinculação com os objetos primários, com o semelhante e, também, em relação aos próprios desejos do sujeito, dando origem à culpa e à coisificação em termos simbólicos. Com a instalação do superego, o tema se estabiliza, pois permite que o sujeito não fique se defendendo por pura contra-investigação em relação às suas moções desejantes.

A instalação das instâncias ideais à maneira do Ideal do Ego, por meio das identificações secundárias, permite uma saída da lógica do Ego ideal, de modo que elas possibilitam ao sujeito projetar-se no futuro e trabalhar para conquistar essa aproximação do ideal, com maior possibilidade de simbolização.

Em relação à passagem entre o ego ideal/ego ideal, entra em cena o Complexo de Castração, que está diretamente ligado à diferença sexual anatômica na teorização freudiana e lacaniana. Que outros caminhos existem para sua teorização e desenvolvimento?

Diferença sexual anatômica e castração: questões distintas

Bleichmar (2014) propõe que a psicanálise clássica tratou a diferença anatômica como algo da ordem perceptiva: a percepção do atributo em si desencadearia a ansiedade de castração e os fenômenos concomitantes e estruturantes. Mas seria ingênuo pensar que a percepção de algo "x" em si desencadearia todo um operativo constitutivo; deve haver outras maneiras de explicar isso. A percepção não é independente dos conteúdos ideológicos da cultura, nem é independente da lógica do pré-consciente e da capacidade de significação do ego.

Se não se trata de uma questão de percepção, ou pelo menos não em termos simplistas de consequência direta, que caminhos existem para um desenvolvimento teórico fértil em relação à diferença anatômica, sua inscrição e o complexo de castração?

Em primeiro lugar, podemos separá-los, dissociá-los. Por um lado, a diferença anatômica e, por outro, o complexo de castração. Em seguida, realocá-los. Dessa forma, podemos encontrar maneiras de abrir a teoria. Com relação à castração, Bleichmar (2011) explica que "[...] a saída do narcisismo não pode ocorrer sem o reconhecimento da castração no sentido ontológico, de que algo falta a alguém [...]" (p. 248). Assim, ele coloca a castração em funcionamento no sentido do reconhecimento pelo sujeito de sua incompletude, da falta de ser, o que possibilita uma saída da lógica do ego ideal, de ser tudo para o outro e de ser completo: "[...] a saída do narcisismo primário está relacionada a isso, na medida em que implica reconhecer que não se é tudo para o outro" (p. 249).

Poderíamos então redefinir o complexo de castração, de acordo com a proposta de Bleichmar, entendendo-o como a inscrição simbólica da falta ontológica no sujeito, em termos de completude/incompletude - ou seguindo a terminologia clássica falo/castração

- como uma saída do narcisismo primário e uma passagem para o narcisismo secundário, separando-o da diferença sexual anatômica.

No que diz respeito à diferença sexual anatômica, tanto Freud quanto Lacan dão a ela um lugar privilegiado, já que, dependendo do posicionamento que o sujeito assume em relação a ela (e, portanto, em relação à castração), ela se tornará uma questão normal (entendendo a normalidade como cis, heterossexual e neurótica) ou patológica (todas as identidades e orientações dissidentes, psicose, perversão entram aqui). Considero que esse é um dos maiores riscos da teoria clássica, pois implica deixar as sexualidades dissidentes e a psicopatologia do mesmo lado, em termos de confundir a diferença anatômica e a inscrição da falta ontológica.

Na mesma direção, Blestcher (2017) sugere que a diversidade de existências sexuais nos convida a analisar o valor atribuído à diferença sexual como determinante primário e fundamental da constituição do sujeito e seu equacionamento com a diferença simbólica. Que a diferença de sexos tenha sido o parâmetro que, no contexto das relações familiares do século XX, vertebrou o sistema de bipartição de gênero e suas assimetrias posicionais, não é comparável ao reconhecimento da alteridade, nem identificável como a pedra angular de toda a ordem simbólica (p. 42).

Depois de passar pela inscrição da falta ontológica e pelo registro da diferença sexual anatômica, a diferença com o semelhante assume outras nuances no terceiro tempo da vida psíquica.

Com relação às consequências psíquicas da diferença sexual anatômica, a identidade de gênero é ressignificada com base nessa inscrição, como uma articulação de identidade e escolha de objeto em termos eróticos e amorosos.

Assim, em primeira instância, a diferença de gênero é então ressignificada pela diferença sexual, ou seja, pela diferença sexual anatômica, mas pelo *après coup*, ou seja, em determinado momento a criança se dará conta de que aquilo que ela considerava ser da ordem do masculino e do feminino está relacionado à existência dos genitais (Bleichmar, 2014, p. 257).

Em relação à castração, na lógica do pré-consciente podemos encontrar o par fálico/castrado, entendendo esse par como orientadores que levam o sujeito a se posicionar em relação à incompletude que, fantasmaticizada, pode ser articulada à diferença anatômica entre os sexos ou a outros elementos. Do lado do "eu", da significação, a questão pode se tornar mais rica e complexa e não permanecer enraizada na diferença entre duas opções anatômicas que supostamente definem aspectos da identidade, mas pode se abrir para o campo da diversidade, dando origem a outras configurações de identidade e desejo.

Uma vez que a falta foi inscrita no ser, a diferença eu/outro ocorre, então, em termos de um reconhecimento do semelhante como ontologicamente igual, mas, ao mesmo tempo, em sua diferença simbólica.

Voltamos, então, à pergunta da pesquisa: a diferença sexual anatômica é única e necessariamente o elemento ordenador?

Em primeira instância, a questão tem dois aspectos: por um lado, se é “apenas” a diferença sexual anatômica que ordena a estrutura e gera destinos diferentes, normais ou patológicos, como nas abordagens freudiana e laciana. Por outro lado, se ela é “necessariamente” “o” elemento ordenador.

A partir dos desenvolvimentos do presente trabalho, foi possível situar as diversas inscrições e suas respectivas recomposições e complexificações em relação à diferença no aparelho psíquico. Portanto, não é apenas a diferença sexual anatômica que virá a ordenar e estruturar a psique. Em termos de estruturação do tema, desde o início da vida, desde os primeiros momentos até este último, tanto as condições iniciais e as primeiras inscrições quanto as possibilidades narcísicas, a operação ou não da repressão original, as diretrizes dos adultos e os vínculos amorosos com os semelhantes, a capacidade vincular, simbolizadora e metabólica do sujeito, as condições materiais de existência, a localização anterior ao vínculo com o par, os sintomas, distúrbios ou déficits, fornecerão ou não as possibilidades para que esse sujeito tenha a possibilidade de se constituir de forma normótica.

Assim, confundir diferença anatômica com castração e deixar o destino do aparelho psíquico ao funcionamento ou não de um único momento constitutivo é um grande reducionismo teórico que tem sérias consequências clínicas e patologizantes.

Ora, a diferença sexual anatômica é necessariamente o elemento ordenador? Ela constitui um operativo necessário e estruturante? O que significaria dizer que ela é necessária?

Poderíamos pensar que sim, que é *um* elemento ordenador e constitutivo, uma vez que sua diferença rearticula as relações entre o erotismo e o amor do outro, além de ressignificar a identidade de gênero. Mas poderíamos propor que a diferença sexual anatômica é o elemento que opera a recomposição das relações entre amor, erotismo e identidade, talvez seja mais uma razão cultural do que filogenética ou “natural”. Se for uma questão de diferenças anatômicas (e há grandes diferenças entre homens cis e mulheres cis), por que essa parte do corpo e não outra?

Pensando na diferença sexual anatômica: uma questão de percepção ou de estrutura ideológica?

Laplanche (1988) usa as conceitualizações freudianas de diversidade e diferença e propõe uma certa distinção. Ele situa a diferença em relação a um atributo: ou se tem ou não se tem, é entre dois valores, exclusivos um do outro. A diversidade, por outro lado, implica colocar em relação um número *x* de atributos, em que a presença ou ausência de um não se refere necessariamente à presença ou ausência de outro.

Na mesma linha, ele propõe uma distinção entre atributo como qualidade ou atributo como distintivo:

Eu diria que há diversidade de atributos (que de fato existem em número indefinido, n); diferença relativa de gêneros, fundada na escolha de dois atributos ou de dois conjuntos de atributos (que não são apenas anatômicos, mas podem ser também socioculturais, psicológicos etc.); mas diferença absoluta quando é marcada pela presença ou ausência de um único atributo (p. 63).

Laplanche exporia, então, o modo como um atributo, que pertenceria ao campo da diversidade (já que temos, no nível biológico, vários atributos que distinguem a corporeidade do homem e da mulher), passa a ser da ordem da diferença, com o status de distintivo, no nível simbólico.

Se o sujeito for privado do atributo, ele se torna um não-ser, um negativo (Bleichmar, 2014). Essa é a lógica do par falo/castrado freudiano e lacaniano. “Assim, a diferença, conforme postulada na teoria fálica, é definida pelo pênis não como atributo, mas como insígnia” (p.193).

O atributo como insígnia existe na realidade significada articulada por um discurso. “Não é apenas porque a linguagem tem categorias binárias que isso é postulado, mas porque ela tem modalidades discursivas nas quais a captura do real é realizada sob formas que não são apenas linguísticas, mas ideacionais-ideológicas” (idem, p.194).

A partir desses desenvolvimentos, então, podemos acrescentar que a diferença sexual anatômica é o que opera para recompor as relações entre amor, erotismo e identidade, é motivo de cultura e, também, de poder, uma vez que não é apenas a inscrição da diferença sexual, mas também se articula, como um atributo que se tornou uma insígnia, a formas de hierarquização de corpos e sexualidades.

A diferença sexual anatômica em psicanálise: de onde vimos e para onde vamos?

Tanto Freud como Lacan propuseram que a psique e a sexualidade são estruturadas por uma diferença binária e sujeitas à ordenação da diferença sexual anatômica. Uma proposta que hoje é possível pensar como sujeita a modelos culturais e sócio-históricos, a enviesamentos teóricos, onde as condições de produção de subjetividade (Bleichmar, 2005) - e, portanto, de produção de conhecimento - perpetuaram a ideia de que a diferença sexual anatômica homem-mulher é um momento decisivo na constituição do aparelho e que dela depende todo o destino da estruturação psíquica em termos de normalidade ou patologia.

Deixar cristalizada a inscrição da diferença simbólica na constituição do aparelho juntamente com a diferença sexual anatômica e que, por sua vez, todo o desenvolvimento normal ou patológico do sujeito depende dela, oferece sérias complicações quando se trata de poder fazer uma teoria-clínica um pouco mais livre de preconceitos epocais e da repetição de lógicas de poder patriarcais, binárias e cisheteronormativas.

Ao longo do desenvolvimento deste artigo procurámos localizar e especificar a diferença e os seus modos de inscrição nos diferentes tempos constitutivos, localizando também o que é relevante no que diz respeito à diferença sexual anatómica e o que diz respeito ao complexo de castração. Nesse sentido, Jorge N. Reitter (2018) situa:

A complicação, a meu ver, reside possivelmente no facto de a abordagem lacanian, tanto neste ponto como na abordagem freudiana, fazer depender demasiado a possibilidade desejante do sujeito da diferença sexual anatómica. [...] Assim, parece que a subjetivação, o acesso à dimensão desejante e à cultura, a possibilidade de não ser totalmente identificado com o ser o falo do Outro, tudo isso está subordinado à forma de se posicionar perante a diferença sexual anatómica que culmina numa posição heterossexual e em fazer coincidir o falo com o pênis, a vagina com o não-falo" (p. 28, 29).

Se a violência primária da cultura, sob o modo instituído/institucional, cujos significados imaginários são veiculados pela educação, é necessária e constitutiva, isso não significa necessariamente que a psicanálise deva ser capturada por essa chave heteronormativa. Reitter (2018) propõe, retomando Foucault, que o binómio pênis/vagina está, na verdade, do lado do dispositivo da sexualidade ou, como ele propõe chamar, do dispositivo da heterossexualidade compulsória e que, como dispositivo compulsório, tem um aspeto proibitivo na regulação das sexualidades, que se articula a um aspeto, portanto, prescritivo.

Baseia-se num sistema dicotómico e hierárquico. Isto inclui a ideia de que todos os seres humanos se enquadram em duas categorias distintas e complementares: homem e mulher [...]. Assim, o sexo físico, a identidade de género e o papel social do género devem enquadrar qualquer pessoa em normas inteiramente masculinas ou femininas. Consequentemente, a heterossexualidade é considerada como a única orientação sexual possível" (p. 64).

E as existências não binárias, a multiplicidade de formas de habitar os corpos e de senomear, que estão a ganhar legitimidade e visibilidade? Será suficiente manter a diferença clássica fálico/castrado (com as consequências de manter estas palavras ligadas à diferença sexual), homem/mulher, masculino/feminino, ativo/passivo?

Não é, pois, frutuoso sobrepôr a anatomia sexual à diferença simbólica. A perceção da diferença anatómica (ordenada sob os modos de produção de subjetividade e as legalidades do pré-consciente) re-significa o longo percurso das diferenças e assume uma certa relevância numa cultura com orientações sexistas, hierárquicas e cisheteronormativas. Podemos perguntar (à maneira de Silvia Bleichmar no seu exercício clínico "de que serve isto a este sujeito?"): de que serve à psicanálise - ou a uma certa psicanálise - continuar a sustentar o lugar privilegiado da diferença anatómica?

Se as “novas” modalidades identitárias e desejanteres chegam a explodir os imaginários sociais e psicanalíticos, onde encontramos novos marcos legais normativos (na Argentina temos a Lei de Matrimônio Igualitário e a Lei de Identidade de Género) que geram novas configurações filiais, familiares e identitárias, onde há e existem homens com vulva e mulheres com pênis, onde os sujeitos têm experiências eróticas ou amorosas com outras pessoas para além do género e não representam um conflito para o Eu, onde as crianças trans estão a ganhar visibilidade, legitimidade e direitos, onde há identidades que se sustentam para além da anatomia como não-binárias ou trans. Teria a diferença sexual anatómica o mesmo estatuto? Poderia ela perder um certo lugar de privilégio dentro da cultura, e na psicanálise?

Como diz Blestcher (2017): “Estamos a assistir a uma transformação nos modos de trocas sexuais e nos dispositivos histórico-sociais que pretendem regulá-los.” (p.24). A questão será, a meu ver, como nos posicionarmos como psicanalistas diante dessas transformações: se pelo lado normativo ou, experimentando novas e outras formas de abordar as subjetividades com as quais trabalhamos a partir da revisão dos fundamentos da teoria, evitando assim “[...] acabar como mais uma engrenagem nos mecanismos de disciplinamento da sexualidade” (idem, p. 25).

Referências bibliográficas

- Bleichmar, S. (1993). A fundação do Inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito. Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2001). Clínica psicanalítica e neogénese. Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2005). Subjetividade em risco. Topía.
- Bleichmar, S. (2006). Paradoxos da sexualidade masculina. Paidós.
- Bleichmar, S. (2011). A construção do sujeito ético. Paidós.
- Bleichmar, S. (2014). Teorias sexuais em psicanálise: o que resta delas na prática atual. Paidós.
- Blestcher, F. (2017). Infâncias trans e destinos da diferença sexual: novos existenciais, teorias renovadas (pp. 21-48) In I. Meler (comp.), Psicanálise e género: escritos sobre o amor, o trabalho, a sexualidade e a violência (pp. 21-48). Paidós.
- Blestcher, F. (2021). A palavra e o vínculo. Humanizando funções [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=as0VX2wmEtA>
- Lacan, J. (1973). Seminário 20: Ainda. Paidós.
- Laplanche, J. (1988). A castração. Simbolizações. Problemáticas II. Amorrortu.
- Reitter, J. N. (2019). Édipo Gay: heteronormatividade e psicanálise. Letra Viva.